

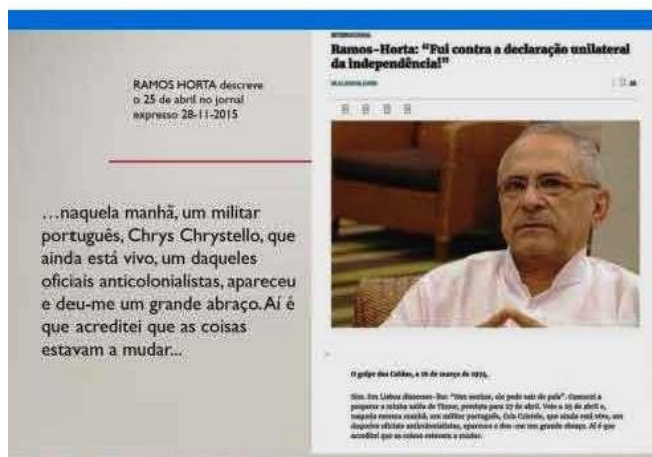
## 178. CRÓNICA 178 O PESADO FARDO DA GUERRA COLONIAL 4/8/17



Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados. Afinal eram mesmo apenas carne para canhão. Na maior parte dos países onde vivi e nos que visitei havia uma certa aura de glória, direi mesmo, respeito, pelos bravos que ao longo dos séculos haviam combatido em nome dessa noção alienígena que é a pátria.

Havia paradas monstruosas e centenárias como as célebres marchas dos ANZAC (*Australian and New Zealand Corps*) na Austrália, e mesmo nos EUA, durante anos, houve respeito pelos bravos que forma vítimas das 1001 guerras americanas no mundo, nomeadamente na 2ª Grande Guerra, no massacrado Vietname, Coreia, etc.

Como antimilitarista, ferrenho e empedernido, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita “pátria” (segundo Ramos Horta eu era um oficial anticolonialista, in Expresso 28/11/2015



Mas para todos, mesmo para aqueles que cegamente obedeceram às ordens militaristas e fizeram o que lhes mandavam, até por que na maior parte dos casos, não tinham alternativa, creio que lhes deve ser concedido o respeito de que hoje carecem, esquecidos numa teia de doenças, alcoolismo, depressão, sem apoios do Estado que os mandou morrer e matar pela pátria. Bem ou mal, eles fizeram o que se esperava que fizessem. E vemo-los hoje, nos sem-abrigo, nos membros de famílias disfuncionais, no conluio com os seus segredos de guerra ciosamente guardados, sem catarse possível.

Nos EUA é bem pior, pois os veteranos de guerra são já uma espécie de escória a varrer para o esquecimento, sob o tapete diáfano de mil e uma guerras sem razão, como se as guerras alguma vez tivessem alguma razão, exceto a perpétua repetição da história dos países. Quando cresci ainda havia respeito pelos veteranos sobreviventes da mortandade que foi a campanha portuguesa na 1ª Grande Guerra, conheci alguns desses heróis, de medalhas ao peito em marchas da famigerada Liga dos Combatentes (a que também pertenci durante uns anos após o 25 de abril, pois podia-se comprar comida mais barata no “casão”).

Hoje, não sabemos quantos são, quantos sofrem, quantos sobrevivem. nalgumas aldeias e vilas do interior profundo de Portugal. Alguns autarcas mandaram erigir pequenos monumentos em honra da memória desses bravos, mas regra geral, foram esquecidos e eles mesmos temem falar sobre o tema, ou evitam-no a todo o custo. Nos Açores, autores houve que trataram o tema em livro: Urbano Bettencourt, Cristóvão de Aguiar, João de Melo, para citar apenas alguns que me vêm à memória de momento, mas outros preferem manter um silêncio discreto, tal como o dono do café da esquina, o dono do restaurante mais acima, o lavrador que vive na rua e se recusa a falar do tema e tantos outros de que nem sei a existência.

Estava uma pessoa entretida nas suas lides nos anos de 1960, a estudar, a trabalhar e mourejar nos campos aqui nos Açores ou em Trás-os-Montes, ou em qualquer outro local e vinha a malfadada mobilização para Angola, Guiné, Moçambique, ou qualquer outro ponto do império e a vida acabava ali, mesmo que voltassem vivos e sem mazelas de vulto. Para muitos, adia-se a ida enquanto se pudessem continuar os estudos, sempre na esperança infundada de que a guerra colonial acabasse. Para outros era a saída da sua terrinha natal (e quantas vezes não era esta a primeira vez que saíam do seu cantinho natal, da sua freguesia ou aldeia, da sua ilha?). Não irei descrever as noções contraditórias que de todos se apoderavam no caminho de ida, na estadia e no possível regresso se não morressem ou não ficassem estropiados, pois isso foi tema de pessoas mais abalizadas que eu. Sei apenas que a mim foi um trauma que gorou todos os meus planos de vida, me impeliu para vários planos inclinados e me obrigou a agarrar a várias boias de salvação para percorrer o caminho que levou ao momento, hoje em que escrevo aqui e de novo:

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados. Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

---